

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)



ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA E SOCIEDADE BRASILEIRA

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)



ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA E SOCIEDADE BRASILEIRA

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaió – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Arquitetura contemporânea e sociedade brasileira

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Jeanine Mafra Migliorini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arquitetura contemporânea e sociedade brasileira /
Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-169-2
DOI 10.22533/at.ed.692211606

1. Arquitetura. I. Migliorini, Jeanine Mafra
(Organizadora). II. Título.

CDD 720

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Vivemos em uma sociedade em processo constante de mudanças, de ressignificações, um processo cada vez mais acelerado pela tecnologia e isso pode ser percebido diretamente na arquitetura e no urbanismo. É necessário que se discutam essas transformações de maneira crítica para que a produção dessa área seja concreta, de qualidade e aplicável ao cotidiano. Este livro apresenta textos que trazem à tona discussões pertinentes acerca do já construído e do porvir das edificações e do urbano.

A percepção de que o espaço que vivemos tem uma importância histórica e que não se pode simplesmente apagar o passado (ou demolir, neste caso) e iniciar uma nova jornada, livre de tudo, é imprescindível para criarmos metodologias que analisam essa trajetória dos bens históricos materiais e imateriais e a seleção do que deve ser mantido dessa caminhada. O que cuidar, como cuidar devem ser perguntas recorrentes no pensamento dos produtores do espaço.

Relevante também os estudos sobre como podemos manter tradições e métodos construtivos vernaculares e aplicar novas tecnologias e aprendizados para aumentar a qualidade do viver. É um caminho para dar consistência e valorizar cada traço da identidade desses métodos auxiliando no processo de permanência dos mesmos.

Discute-se a maximização da qualidade do urbano, dos espaços coletivos, dos quais a população deve se apropriar para gerar um sentido. Discutir o ambiente coletivo em várias esferas e escalas nos faz refletir como nossa própria ação cotidiana pode interferir na construção desse espaço.

O debate se expande além da totalidade da cidade grande e passa pelos pequenos locais dessa, como praças ou suas rotas caminháveis, onde intervenções pontuais podem trazer respostas positivas. Vai também para os municípios médios e pequenos, uma vez que todos são afetados por essa realidade de constante transformação e que precisam de interferências que antecipem situações e não apenas resolvam os problemas já surgidos.

Todo debate do urbano deve considerar o contexto, sua história e a implicação que esses projetos podem causar nas comunidades, e esse debate se estende ao pensarmos o futuro de nossas cidades. O que podemos fazer, como pensar e agir para construirmos um urbano melhor?

Tomando nossa história, nossa produção como base podemos debater e construir espaços repletos de memória, de identidade, de qualidade e modernidade em nossas casas e nossas cidades.

Boa leitura e muitas reflexões!

Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

PATRIMÔNIO CULTURAL DE PORTO MURTINHO MS

Maria Margareth Escobar Ribas Lima

Arlinda Cantero Dorsa

Rodrigo Mendes de Souza

Érika Santos Silva

Mariana de Barros Casagrande Akamine

Dagny Más

Andressa Silva Moura

Aline Yuri Shimabukuro

Amanda Lourenço Maciel

Ana Clara Chaves dos Santos Silva

Danilo Henrique de Freitas Quirino

Emmanuel Lemos da Conceição

Giovana Marques de Araújo Zafalon

Melyssa Rodrigues Lino

Raquel Pires de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.6922116061

CAPÍTULO 2..... 15

ANTIGO MERCADO DE SANTO AMARO E SUA INSERÇÃO URBANA

Nathalia Gomes da Costa

Maria Augusta Justi Pisani

DOI 10.22533/at.ed.6922116062

CAPÍTULO 3..... 33

ESTUDOS BIOCLIMÁTICOS DA HABITAÇÃO RIBEIRINHA AMAZÔNICA: ANÁLISE DOS SISTEMAS DE FECHAMENTO VERTICAIS E AS ABERTURAS

Luís Gregório Piérola

Celia Regina Moretti Meirelles

DOI 10.22533/at.ed.6922116063

CAPÍTULO 4..... 48

A BIOMIMÉTICA COMO FERRAMENTA NA REVITALIZAÇÃO DE AMBIENTES DE ESTUDO E PESQUISA: CASO DO INTECHLAB

Maria Clara Cazita Soares Silva

Isla Vitoria Carvalho Lopes

Luciana Patrícia Ferreira

Mariana Martins Drumond

DOI 10.22533/at.ed.6922116064

CAPÍTULO 5..... 60

DIREITO DE LAJE: O ACESSO À MORADIA E A POSSÍVEL PERPETUAÇÃO DA SEGREGAÇÃO SÓCIO ESPACIAL

Eliane França Conti

Thiago Chagas de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.6922116065

CAPÍTULO 6..... 70

OS SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES E A CIDADE: A PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO ÀS PRAÇAS PRÓXIMAS ÀS INTERVENÇÕES OLÍMPICAS DO RIO DE JANEIRO

Felipe Buller Bertuzzi
Grace Tibério Cardoso

DOI 10.22533/at.ed.6922116066

CAPÍTULO 7..... 82

O CONCEITO DE PLACEMAKING APLICADO A REINVENÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE SÃO PAULO: UMA ANÁLISE DAS PRAÇAS VICTOR CIVITÁ E HORÁCIO SABINO

Virginia Candido Lemes Benavent Caldas
Gabriela Moraes Gomes

DOI 10.22533/at.ed.6922116067

CAPÍTULO 8..... 97

RURALIDADES NO URBANO E SUA INFLUÊNCIA NA DINÂMICA SOCIOESPACIAL DA CIDADE DE BONITO (BA)

Taiane dos Santos Nascimento
Agripino Souza Coelho Neto

DOI 10.22533/at.ed.6922116068

CAPÍTULO 9..... 110

RURALIDADES NO URBANO E INSERÇÃO EM REDE URBANA: ESTUDO DE CASO DA CIDADE DE MAIRI (BA)

Ana Carla Freitas dos Santos
Agripino Souza Coelho Neto

DOI 10.22533/at.ed.6922116069

CAPÍTULO 10..... 123

REFERENCIAIS DE IDENTIDADE DO ESPAÇO URBANO DO TATUAPÉ: PERCEPÇÃO DO PEDESTRE EM ROTAS CAMINHÁVEIS

Silvia Pereira de Sousa Mendes Vitale
Denilsa Aparecida Marques
Edvania Delmiro Viana
Gabriel Rodrigues dos Santos
Milena Rodrigues de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.69221160610

CAPÍTULO 11 139

AVALIAÇÃO DAS RUPTURAS URBANAS ATRAVÉS DO MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL: UM ESTUDO EM VILA VELHA/E.S

Ana Paula Rabello Lyra
Nayra Carolina Segal da Rocha
Débora Firme Santana Vaz

Caroline Crys da Silva Teixeira

DOI 10.22533/at.ed.69221160611

CAPÍTULO 12..... 152

DOS CAMPOS AO CONCRETO: O DESENVOLVIMENTO URBANO DE CAMPO MOURÃO

Caio Felipe de Souza Fialho

DOI 10.22533/at.ed.69221160612

CAPÍTULO 13..... 169

DESENVOLVIMENTO DE METODOLOGIA DE DIAGNÓSTICO E MICROPLANEJAMENTO URBANO APLICADO NO CENTRO DA CIDADE DE COLATINA-ES

Amanda Manola

Anna Karolina Salomão

Sérgio Miguel Prucoli Barboza

DOI 10.22533/at.ed.69221160613

CAPÍTULO 14..... 184

ESTUDO DO MICROPLANEJAMENTO URBANO E SUA VIABILIDADE EM UMA CIDADE DE PEQUENO PORTE

Anna Karolina Salomão

Amanda Manola

Sérgio Miguel Prucoli Barboza

DOI 10.22533/at.ed.69221160614

CAPÍTULO 15..... 198

DA PORTA PARA DENTRO, DA PORTA PARA FORA: A RUA PODE SER A EXTENSÃO DA CASA?

Maria de Lourdes Carneiro da Cunha Nóbrega

Isabella Leite Trindade

DOI 10.22533/at.ed.69221160615

CAPÍTULO 16..... 211

EM PARALELO - UMA HIPÓTESE PARA O SÉCULO XXI
OCUPAÇÃO DO ESPAÇO AÉREO COMO ALTERNATIVA DE ADENSAMENTO E PRESERVAÇÃO DO TECIDO URBANO

Maurício Addor Neto

DOI 10.22533/at.ed.69221160616

SOBRE A ORGANIZADORA 235

ÍNDICE REMISSIVO..... 236

CAPÍTULO 9

RURALIDADES NO URBANO E INSERÇÃO EM REDE URBANA: ESTUDO DE CASO DA CIDADE DE MAIRI (BA)

Data de aceite: 01/06/2021

Data de submissão: 06/03/2021

Ana Carla Freitas dos Santos

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Salvador - Bahia
<http://lattes.cnpq.br/9932651375539836>

Agripino Souza Coelho Neto

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Salvador - Bahia
<https://orcid.org/0000-0003-3714-510X>

Este artigo resulta do subprojeto de pesquisa de Iniciação Científica, intitulado “Ruralidades no urbano: a co-relação campo-cidade no espaço urbano de Mairi (BA)” que se desdobra do projeto matriz denominado “Ruralidade no urbano: perspectiva conceitual para compreender as pequenas cidades baianas”, coordenado pelo Prof. Dr. Agripino Souza Coelho Neto.

RESUMO: Este artigo adotou a proposição teórica de que as cidades pequenas são espaços intrínsecos à confluência do urbano e do rural. Assim, o principal objetivo deste texto é compreender a dinâmica socioespacial através da presença de ruralidades na cidade de Mairi (Bahia) e de sua inserção na rede urbana da mesorregião do Centro Norte baiano. Para tanto, a pesquisa foi realizada em três etapas: inicialmente, nos apoiamos na literatura acadêmica para discutir o conceito de cidade pequena e a relação campo-cidade; na segunda etapa, realizou-se levantamento de dados

secundários no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e na Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais (SEI) acerca da cidade de Mairi e da microrregião de Itaberaba (BA), na qual ela está inserida. Por fim, foi realizada uma pesquisa de campo na cidade de Mairi onde foram aplicados 263 questionários aos residentes da sede municipal. As observações obtidas através da pesquisa de campo apontam que a maior parte dos entrevistados conservam costumes tipicamente rurais no espaço citadino.

PALAVRAS-CHAVE: Ruralidades, Urbano, Mairi.

RURALITIES IN URBAN SPACE AND INSERTION IN URBAN NETWORK: CASE STUDY OF THE CITY OF MAIRI (BAHIA)

ABSTRACT: This paper is based on the theoretical proposition that small cities are spaces characterized by the confluence of urban and rural. The main objective of this text is to understand the socio-spatial dynamics through the presence of ruralities in the city of Mairi (Bahia) and its insertion in the urban network of the mesoregion of the Northern Center of Bahia. For this purpose, the research was conducted in three stages: initially, we grounded on academic literature to discuss the concept of the small town and the countryside-city relationship; in the second stage, a survey of secondary data was carried out basing on primary data made by The Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) and The Superintendency of Economic and Social Studies (SEI) about the city of Mairi and the micro-region of Itaberaba (BA), in which it is inserted. Finally, a field research was realized in the city of Mairi where 263 questionnaires were

applied to residents of the municipal seat. The data obtained through the field research points that most of those interviewed preserve typically rural customs in the city space.

KEYWORDS: Ruralities; Urban; Mairi.

1 | INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste artigo é compreender a dinâmica socioespacial da cidade de Mairi (Ba), considerando a presença de ruralidades e sua inserção na rede urbana da mesorregião do Centro Norte baiano. Secundariamente, buscou-se caracterizar as atividades rurais desenvolvidas no espaço urbano, e analisar as relações estabelecidas entre a população citadina e o espaço rural no contexto urbano de Mairi.

Além da consulta a literatura acadêmica, para apresentar um panorama do debate sobre as pequenas cidades, realizou-se um levantamento de dados secundários, no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e na Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais (SEI), reunindo dados sobre a situação socioeconômica e populacional da microrregião de Itaberaba (Ba) (onde se localiza cidade estudada) e do município de Mairi. A pesquisa de campo foi realizada por meio de uma grade de observação e da aplicação de questionários a 263 residentes na cidade, para investigar os conteúdos rurais e as relações dos cidadãos com o campo.

O estudo das pequenas cidades é de suma importância para compreender algumas dinâmicas do espaço, principalmente a nível regional, oferecendo subsídios para os campos da gestão e do planejamento urbano e regional. Além disso, as pequenas cidades correspondem a quase 90% das cidades brasileiras, se considerarmos o tamanho populacional como um primeiro critério de classificação (FERNANDES, 2018). Considerando essa expressividade fenomênica e a carência de estudos sobre estas realidades urbanas, este artigo pretende oferecer uma contribuição à interpretação das pequenas cidades, detendo-se a um estudo de caso no contexto da realidade baiana.

2 | UM BREVE DEBATE SOBRE A PEQUENA CIDADE

Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a cidade é a sede municipal onde está sediada a prefeitura, sendo que as cidades pequenas são aquelas que possuem até cem mil habitantes. Essas definições, na tentativa de operacionalizar tal conceito, acabam por desconsiderar as características qualitativas deste tipo de expressão espacial urbana. As questões anunciadas pela literatura acadêmica apontam a necessidade de analisá-las nas diversas perspectivas, agregando complexidade na compreensão deste tipo de cidade (FERNANDES, 2018; MOREIRA JÚNIOR, 2013). Um aspecto relevante a ser considerado é o contexto geográfico (regional) na qual se inserem, afinal, uma cidade de 30 mil habitantes na Amazônia brasileira não tem o mesmo significado que uma cidade de mesmo porte populacional na região Sudeste. Deste modo, o tamanho populacional,

considerado isoladamente, não é capaz de oferecer respostas completas para o esforço de interpretação das pequenas cidades.

O adjetivo “pequena”, segundo Fresca (2010), remete-se à noção de tamanho populacional, associada, também, ao tamanho da área da cidade. Contudo, a autora argumenta que estas não são categorias que podem definir as pequenas cidades. A complexidade da cidade pequena cresce devido à diversidade de expressão no espaço, o que torna mais difícil sua definição, já que as características se manifestam diferentemente em cada uma delas. Dessa forma, é necessário observar que o “entendimento acerca da conceituação das pequenas cidades perpassa, concomitantemente, por abordagens quantitativas (os patamares mínimos e máximos de habitantes) e qualitativas (...), como saúde, educação, emprego, lazer, consumo de produtos básicos (...) e etc.” (FERNANDES, 2018, p. 22).

Então, como definir a pequena cidade? Antes de aprofundar esta questão, é importante primeiro definir o que faz de uma aglomeração urbana, uma cidade. Para Fresca (2011), o primeiro filtro é a capacidade de resposta “às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações” (SANTOS, 1982, p. 71 apud FRESCA, 2011, p. 77). Aquelas aglomerações que possuem estas características seriam Centros Locais, menor escala de manifestação das cidades brasileiras, porque se tratam daquelas que ofertam bens e serviços mais básicos, de uso frequente e de pequena especialização. As cidades pequenas, por sua vez, estariam entre as aglomerações urbanas com maior nível de complexidade que os centros locais, porém, menor que a cidade média. Corrêa (2011) acredita que as cidades pequenas são centros locais, pois concentram bens e serviços para suprir as demandas de sua população e hinterlândia, que, muitas vezes, polariza outros centros menores.

Além disso, as mudanças ocorridas na divisão territorial do trabalho, com o advento da industrialização e da popularização do automóvel, afetou principalmente as pequenas cidades e reconfigurou a rede urbana e as relações no âmbito dos contextos regionais. O papel das pequenas cidades até a década de 1950 (início da industrialização brasileira) era mais forte e importante na rede urbana, pois, nela se efetivavam as relações econômicas (venda da produção agrícola de sua hinterlândia e de bens e serviços para a produção agropecuária), políticas (se realizavam festejos religiosos, comícios e abrigava a elite local) e sociais (a dinâmica da cidade era ditada pela atividade econômica predominante) (CORRÊA, 2011). Os desdobramentos da industrialização e da popularização do automóvel fortaleceu a importância dos grandes centros e contribuiu para maior concentração de pessoas, bens e serviços nas grandes cidades.

A globalização é outro fenômeno que contribui para a manutenção dessa mudança do papel da pequena cidade na rede urbana. Segundo Corrêa (1999), a globalização impacta as pequenas cidades através da reestruturação espacial, que altera as formas, funções e agentes sociais, impactando as esferas econômica, social, política e cultural,

sendo estas reflexo e condicionante da organização espacial.

Fresca (2011) considera que a expressividade da oferta de bens e serviços define o nível de centralidade. A cidade se torna uma centralidade para o território municipal também devido ao suprimento de demandas originadas pela reestruturação produtiva no campo, assim como, se projeta no cenário regional, podendo influenciar centros locais.

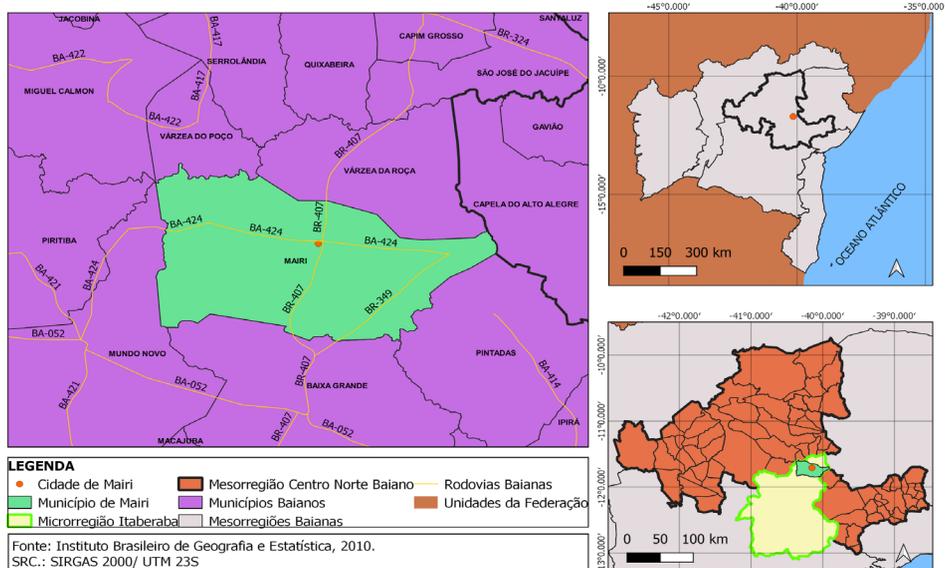
Outra característica expressiva das pequenas cidades, apontada por Bacelar (2009), é a tendência ao declínio, a estagnação ou ao aumento pouco expressivo da população. Isto se relaciona com a qualidade da oferta de bens e serviços e com a divisão territorial do trabalho, além da pequena arrecadação fiscal.

Para compreender as características do urbano e do rural nas cidades pequenas, as construções teóricas do arquétipo rural e do arquétipo urbano de Henrique (2010) ajudam a interpretar a confluência destes no espaço urbano das pequenas cidades. O autor construiu estes dois tipos ideais, considerando que somente suas expressões podem ser identificadas na realidade, isto é, as ruralidades e as urbanidades. A cidade pequena, desta forma, agrega características tipicamente rurais, tendo sua dinâmica marcada por sociabilidades específicas: mesmo que o tempo seja percebido relativamente mais rápido, ela também é espaço de encontros esporádicos (em festas religiosas, feiras livres, quermesses etc.), onde as relações sociais são carregadas pelos costumes da intensa comunicação e fortes elos entre os cidadãos (sentar na porta para conversar, reunir os vizinhos para enfeitar a rua em época de festejos e etc).

3 I CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MAIRI

A área que atualmente conforma o município de Mairi fazia parte de uma grande sesmaria arrematada pelo Visconde de Itapicuru em 1655. Em 1897, a vila de Monte Alegre foi elevada à categoria de cidade pela Lei Estadual nº 196, de 5 de agosto do mesmo ano. Somente em 31 de dezembro de 1943, com o decreto-lei estadual nº 141, que o lugar passou a ser denominado Mairi. Hoje, o município possui dois distritos: Mairi, que é a sede municipal, e Angico (IBGE, 1958; LIMA, 2013).

Mairi é um município de 952 km², localizado na mesorregião Centro Norte Baiano, que abrange 80 municípios baianos. Localiza-se também na microrregião de Itaberaba, composta por 12 municípios, como mostra o Mapa 01. Situa-se a 284 km da capital baiana (Salvador); a 180 km de Feira de Santana, segunda maior cidade do estado; e a 130 km de Itaberaba, sexta maior população da mesorregião da qual Mairi também está inserida (SEI, 2014; IBGE, 2010). As três cidades se destacam pela oferta de bens e serviços, constituindo diferentes tipos de relação com outros municípios e ocupando posição de centralidade nas redes urbanas das quais fazem parte.



Mapa 01 - Localização do Município de Mairi na Bahia.

Elaboração: Ana Carla Freitas e Agripino Souza Coelho Neto, 2020.

Em 2010, o município tinha 19.326 habitantes, mas as projeções populacionais apontam para o decréscimo da população desde o censo populacional de 1991, verificado, inclusive, na projeção populacional para 2010 (Tabela 01). Em 2010 (último Censo Demográfico), a população urbana de Mairi correspondia a 11.115 habitantes, cerca de 57,5% da população total, e a rural, a 8.211 habitantes, conforme indicado na tabela 01. A população urbana só se apresentou acima da rural no ano de 2010, já que nos censos demográficos de 1970 a 2000, a população rural era maior que a população urbana, correspondendo a cerca de 89% e 52%, respectivamente, da população total (IBGE, 2010).

O município apresenta um baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), ocupando a 302ª posição na Bahia em 2010 (Atlas do Desenvolvimento Humano, 1991-2010). Os Índices de Performance Econômica (IPE)¹ e de Performance Social (IPS)² posiciona o município em 207º e 238º, respectivamente, em relação a outros municípios baianos. Estes índices “mensuram a capacidade dos municípios em atender as necessidades de serviços básicos da população” (SEI, 2014, p. 12).

1 O IPE é constituído a partir do cálculo que inclui 4 indicadores, os quais são o INF - Índice de Infraestrutura, IPM- Índice de Produto Municipal, ICE - Índice Corrente de Comércio Exterior e IIF - Índice de Independência Fiscal (SEI, 2014).
 2 O IPS é composto de 4 subíndices, os quais são INS - Índice de Nível de Saúde, INE - Índice do Nível de Educação, ISB - Índice da Oferta de Serviços Básicos e IMT - Índice do Mercado de Trabalho (Idem, 2014).

ANO	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL	POPULAÇÃO TOTAL	TAXA DE URBANIZAÇÃO
1970	3,388	26,913	30,301	11,18%
1980	5,206	29,274	34,480	15,10%
1991	6,969	13,732	20,701	34%
2000	9,595	10,490	20,085	48%
2010	11,115	8,211	19,326	58%
2020	(*)	(*)	18,962	(*)

Nota: (*) Não obtivemos a informação.

Tabela 01 - Evolução populacional do Município de Mairi - 1991-2020

Fonte: IBGE (2010), SEI (1991, 2010 e 2020).

Elaboração: Ana Carla Freitas e Agripino Souza Coelho Neto, 2019

Em relação à economia, o município de Mairi foi responsável por 0,05% do PIB da Bahia e 6,08% do PIB da Microrregião de Itaberaba, em 2015. Mesmo com o crescimento de 355% em relação ao ano de 2002, o PIB de Mairi perdeu representatividade no contexto microrregional (vide tabela 02).

ANO	BAHIA (milhões - R\$)	MICRORREGIÃO DE ITABERABA (Milhões - R\$)	MAIRI (Milhões - R\$)	PIB DE MAIRI NA BAHIA (%)	PIB DE MAIRI NA MICRORREGIÃO DE ITABERABA (%)
2002	58.842,98	504,53	35,27	0,01	6,99
2005	88.291,88	641,26	43,99	0,05	6,86
2010	154.419,55	1.245,86	77,51	0,05	6,22
2015	245.043,69	2.058,92	125,27	0,05	6,08

Tabela 02 - Produto Interno Bruto da Bahia, Microrregião de Itaberaba e Município de Mairi.

Fonte: SEI/ IBGE (2015).

Elaboração: Ana Carla Freitas, 2019.

O setor de comércio e serviços são os mais representativos da economia do município de Mairi. Segundo dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais (SEI), o setor terciário representou 82,4% do PIB (equivalente a R\$106,296 milhões) no ano de 2016. Já a agropecuária, foi responsável por 13,7% do PIB mairiense (R\$ 17,673 milhões), e a indústria, por 3,9% (R\$ 5,031 milhões). A expressividade do setor de comércio e serviços é reiterada ao observar-se o número de estabelecimentos existentes no município, entre os quais, cerca de 68,5% fazem parte deste setor.

Em termos de pessoal ocupado no mercado formal de trabalho, a Administração Pública é o mais expressivo na geração de empregos formais no município, cerca de 64%

do total. Já o setor de comércio e serviços, que se encaixam como os mais expressivos em quantidade de estabelecimentos e na participação do PIB municipal, vem em segundo lugar, ocupando 31% do total, como pode ser observado no gráfico 01.

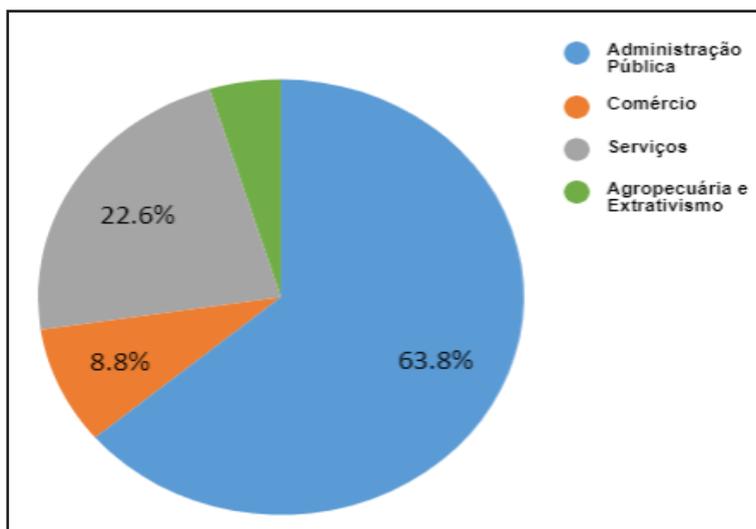


Gráfico 01 - Pessoal ocupado no mercado formal de trabalho do município de Mairi. 2011

Fonte: SEI – Estatísticas dos Municípios Baianos (2014)

Elaboração: Ana Carla Freitas e Agripino Souza Coelho Neto, 2019

4 | MAIRI: RURALIDADES NO URBANO E INSERÇÃO NA REDE URBANA

Através das pistas que o aporte teórico ofereceu sobre alguns aspectos importantes a serem identificados e analisados na pequena cidade, foi desenvolvido um questionário com 15 perguntas. Essas questões foram subdivididas em três temas: a oferta de bens e serviços na cidade de Mairi, a rede urbana na qual a cidade está inserida e a relação campo-cidade no espaço urbano. Foram aplicados 263 questionários para moradores da cidade de Mairi, sendo 55% dos respondentes do sexo feminino e 83% do total na faixa etária entre 20 e 59 anos.

Aproximadamente, 65% dos respondentes afirmaram ter nascido na própria cidade; outros 18% nasceram em outra cidade, sendo as respostas mais incidentes: Baixa Grande, Feira de Santana, Mundo Novo e Salvador; e cerca de 16% nasceram na zona rural, seja do próprio município ou não. Foi possível identificar que dos 35% que não nasceram na cidade de Mairi, 50% afirmaram que o principal motivo para ter se mudado para a cidade foi para acompanhar a família, por motivo de trabalho (22,2%), e pelas dificuldades de vida no campo (3,3%).

Observa-se que, ao mesmo em tempo que a cidade de Mairi apresenta-se como local de tranquilidade, sem a correria típica das grandes cidades, sob a perspectiva de

peças que vieram de cidades maiores (como Feira de Santana, Salvador e São Paulo), ela também se mostra como espaço de oportunidades para quem busca educação, emprego, qualidade de vida, oportunidades melhores, sob a perspectiva de pessoas de outras cidades pequenas próximas ou da zona rural.

Por outro lado, isto não quer dizer que estas pessoas (em especial, aquelas oriundas do campo) quebraram o vínculo com o local de onde vieram, nutrindo a relação campo-cidade no espaço urbano de Mairi. Constatou-se que 28% dos respondentes afirmaram trabalhar como agricultores, sendo a resposta mais recorrente, em segundo lugar, comerciante (12%), seguido de comerciário (8%), o que faz todo sentido considerando-se que o setor terciário é o mais importante para economia mairiense. Outra questão é a quantidade de funcionários públicos, outra característica das pequenas cidades em que a máquina pública se torna uma das principais empregadoras na cidade, como anunciado na teoria.

Em conformidade com a literatura (SOARES e MELO, 2010; HENRIQUE, 2012), observou-se que as marcas de ruralidades se apresentam com mais força quando perguntados sobre sua participação em manifestações culturais na zona rural, o que se confirmou entre 67% dos moradores entrevistados da cidade de Mairi (vide gráfico 02). Em sua maioria, eles afirmaram participar de cavalgadas e/ou vaquejadas (47%), rezas (30%) e outras festividades (32%), a exemplo da Festa de São João, Festa da Padroeira, São Pedro, Festa da Argolinha e etc.

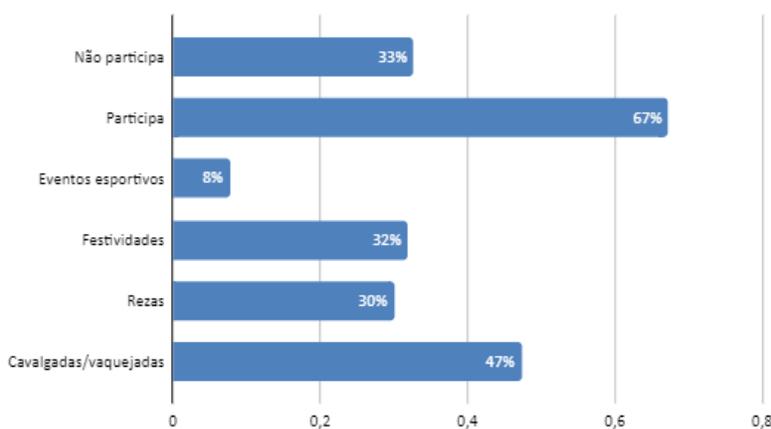


Gráfico 02 - Manifestações culturais que a população de Mairi (Ba) participa na zona rural. 2020

Fonte: Pesquisa de campo, 2020.

Elaboração: Equipe do Grupo de Pesquisa Territórios.

Quando perguntados sobre se possuíam alguma relação com a zona rural do

município, 91% dos respondentes afirmaram que tinham. Deste universo, 76% porque frequentam a zona rural para lazer, 56% porque participam de eventos no campo e 52% porque a família possui propriedade rural (vide gráfico 03). O que significa que o tempo de lazer é principalmente ocupado pelo consumo da cultura rural, dos costumes, do modo de vida, de atividades que só podem ser executadas no espaço rural.

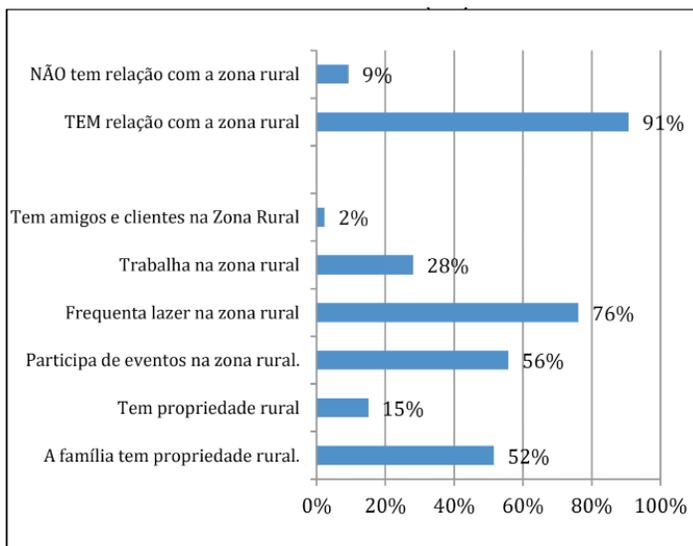


Gráfico 03 - Tipos de relação da população residente com a zona rural. Mairi (BA). 2020.

Fonte: Pesquisa de campo, 2020.

Elaboração: Equipe do Grupo de Pesquisa TERRITÓRIOS.

Porém, esta relação não só se estabelece através do tempo gasto fora do espaço urbano, mas também reproduzindo atividades e costumes típicos do rural no espaço citadino. Esta afirmação se desdobra do fato que 30% dos respondentes afirmaram desenvolver alguma atividade rural na cidade de Mairi. A principal atividade que afirmaram desenvolver foi a criação de animais não domésticos no quintal, como galinha e porcos, por exemplo, totalizando cerca de 18% dos que afirmaram. Outras atividades típicas do rural, como ter pomar ou horta no quintal (13%), vender produtos agrícolas (5%) e participar de manifestações culturais na cidade (3%), foram as outras respostas dadas.

Outro fator apontado na literatura como tipicamente rural na cidade pequena é a sociabilidade, caracterizada pela comunicação e encontros mais frequentes e pelo estabelecimento de laços mais estreitos. Os dados obtidos apontam que 61% das pessoas entrevistadas costumam ver seus familiares diariamente, 22% veem semanalmente, 11% mensalmente e 7% anualmente. Quanto aos amigos, 64% os encontram diariamente, 25% semanalmente, 8% mensalmente e 3% anualmente.

Os próprios respondentes apresentaram aspectos na paisagem da cidade mairiense que lhes recordavam a zona rural. A figura 01 demonstra parte dos limites da cidade de Mairi, que é delimitada pela natureza. A comercialização de produtos agrícolas, principalmente na feira livre da cidade em que pessoas da zona rural vão à cidade vender os produtos que cultivam em suas propriedades, assim como ter acesso aos produtos e serviços disponíveis, que foi outra resposta bastante recorrente.



Figura 01 - A natureza limita o território citadino de Mairi. 2020

Foto: Ana Carla Freitas, 2020.

Em relação à inserção do município na rede urbana, foi possível identificar que, para encontrar algum produto não comercializado em Mairi, 39% dos entrevistados recorrem à Capim Grosso, como primeira opção, 31% recorrem à Feira de Santana e outros 20% à Jacobina, como segunda opção, e 17% recorrem a Feira de Santana e 11% à Salvador, como terceira opção (tabela 04). Já para ter acesso à serviços não disponibilizados em Mairi, caso de saúde e educação, os entrevistados disseram preferir Feira de Santana; quanto à serviços públicos, 37% recorrem à Jacobina; serviços bancários, 37% preferem Capim Grosso; e lazer, 29% optam por Salvador (tabela 05).

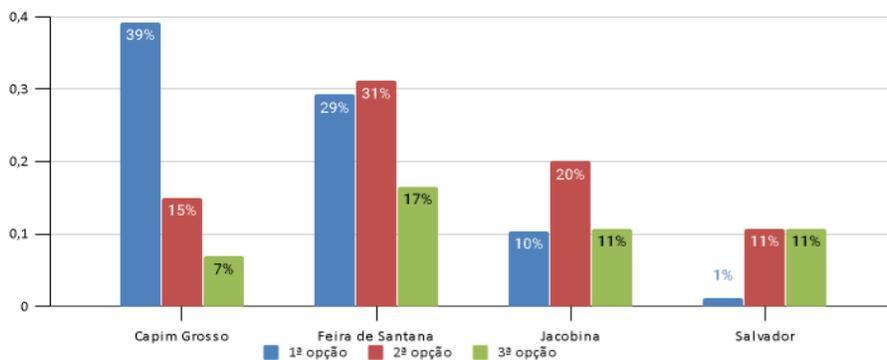


Gráfico 04 - Principais cidades onde o residente busca produtos não disponíveis na sua cidade (amostra). Mairi (Ba). 2020.

Fonte: Pesquisa de campo, 2020.

Elaboração: Equipe do Grupo de Pesquisa TERRITÓRIOS.

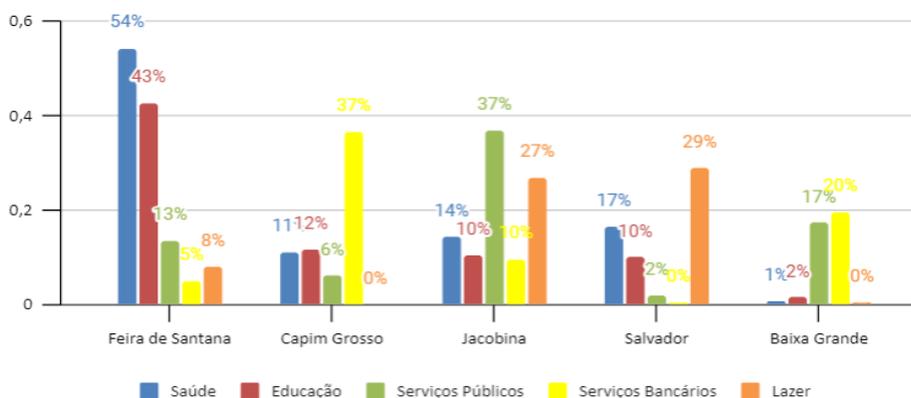


Gráfico 05- Principais cidades onde o residente busca serviços não disponíveis na sua cidade (amostra). Mairi (Ba). 2020.

Fonte: Pesquisa de campo, 2020.

Elaboração: Equipe do Grupo de Pesquisa TERRITÓRIOS.

De acordo com esses dados, podemos considerar que Capim Grosso exerce certa influência sobre a cidade de Mairi, assim como Jacobina, mas a análise dos dados demonstram que Feira de Santana é a que mais atrai viagens para consumo de bens e serviços.

Outra forma de demarcar o funcionamento da rede urbana, na qual uma pequena cidade está inserida, é observando a oferta de transportes. Quando perguntados se existia dificuldade de se locomover para estas cidades à procura de produtos ou serviços não ofertados em Mairi, 93% dos respondentes afirmaram não ter dificuldade, destes 43% porque se deslocam de transporte alternativo, 25% de ônibus e outros 25% de carro próprio.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura anuncia o papel significativo das pequenas cidades no período anterior ao da industrialização. A história de Mairi destaca a importância que a região em que está localizada tinha devido ao comércio, constituindo relações comerciais diretas com cidades de importância estadual, como Feira de Santana. Isto se deu de duas formas: por um lado, o setor de comércio e serviços assumindo como carro-chefe da economia mairiense, e por outro, a relação com a cidade de Feira de Santana que foi conservada. Os resultados obtidos através dos questionários nos permite inferir que Feira de Santana é a cidade que polariza Mairi, em conformidade com os dados apresentados pela pesquisa REGIC - Região de Influência da Cidades (IBGE, 2007). Ressalta-se que Itaberaba, cidade que polariza a microrregião em que Mairi está inserida, não apareceu entre as respostas às questões sobre a relação da cidade mairiense com seu entorno.

A literatura acadêmica também indicou a tendência ao declínio populacional, o que também foi identificado nos dados populacionais de Mairi. Esta é uma questão que afeta a gestão e planejamento municipal de muitas maneiras, inclusive, com a falta de mão de obra pelo envelhecimento da população, perda de importância no cenário político estadual (quantidade de eleitores), como também de arrecadação de impostos para o município, já que o repasse federal e estadual ocorre de acordo com o tamanho da população.

Além disso, a pesquisa de campo confirmou que Mairi apresenta marcas de urbanidades e ruralidades coexistindo em seu espaço citadino: se por um lado, o setor terciário é o mais pujante da economia mairiense, por outro, os moradores conservam laços estreitos com a zona rural, agregando marcas de ruralidade ao conteúdo material e imaterial da cidade. Os dados sobre sociabilidade só corroboram esta afirmação, as pessoas conservam traços fortes da sociabilidade rural: encontram amigos, familiares e vizinhos frequentemente, em sua maioria.

Dois características, predominantemente encontradas na literatura sobre as pequenas cidades, revelaram sua força para a interpretação dessas formas espaciais urbanas: (i) a presença das ruralidades como conteúdo que atravessa a dinâmica urbana, e (ii) a inserção em uma rede urbana que as acolhe e atende suas demandas por bens e serviços fundamentais. Esta foi uma aposta teórica que sustentou a realização da pesquisa (cujos resultados municiaram a produção deste texto), amplamente verificada no plano empírico. Deste modo, apresentam-se como possibilidades operatórias para o esforço de compreensão das pequenas cidades na Bahia, no Nordeste e no Brasil.

REFERÊNCIAS

BACELAR, Winston Kleiber de Almeida. Pequenas cidades: uma caracterização. In: **Anais V** Encontro de Grupo de Pesquisa Agricultura, Desenvolvimento e Transformações Socioespaciais. Santa Maria: GPET, 2009. 19 f.

CORRÊA, Roberto Lobato. As Pequenas Cidades na Confluência do Urbano e do Rural. **GEOSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 30, 2011, p. 05-12.

CORRÊA, Roberto Lobato. Globalização e Reestruturação da Rede Urbana -Uma Nota sobre as Pequenas Cidades. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 6, jan./jun.,1999, p.43-53.

FERNANDES, Pedro Henrique Carnevali. O urbano brasileiro a partir das pequenas cidades. **Revista Georaguaiá**, Barra do Garças-MT, v.8, n.1,jan./jun.,2018, p.13-31.

FRESCA, Tânia Maria. Centros Locais e Pequenas Cidades: Diferenças Necessárias. **Mercator**, v. 9, n. 20 set/dez, 2010, p. 75-81.

HENRIQUE, Wendel. Diferenças e repetições na produção do espaço urbano de cidades pequenas e médias. In: LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel (Orgs). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Série Estudos e Pesquisas. v. 87. Salvador: SEI, 2010. p 45-57.

HENRIQUE, Wendel. Do rural ao urbano: dos arquétipos a espacialização das cidades pequenas. In: DIAS, Patricia Chame; SANTOS, Janio (Orgs). **Cidades médias e pequenas: contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos**. Série Estudos e Pesquisas. v 97. Salvador: SEI, 2012, p. 63-80.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil** [Recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: IBGE, v.1, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/metodos-e-outros-documentos-de-referencia/vocabulario-e-glossarios/16499-glossario-dos-termos-genericos-dos-nomes-geograficos-utilizados-no-mapeamento-sistematico-do-brasil.html?=&t=publicacoes>. Acesso em: 24 mar 2020.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de influência das cidades 2007**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv40677.pdf>. Acesso em: 20 nov 2019.

LIMA, Eliseu dos Santos. **Relações entre senhores e escravos em Monte Alegre, nos últimos anos da escravidão no Brasil (1870 - 1875)**. Monografia (Licenciatura em História) - Departamento de Educação, Universidade do estado da Bahia. Jacobina, p. 65. 2013. Disponível em: <http://www.saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/720>. Acesso em: 23 out 2019.

MOREIRA JUNIOR, Orlando. As Cidades Pequenas da Geografia Brasileira: A Construção de uma Agenda de Pesquisa. **GEOSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 35, 2013, p. 19-33.

SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Estatística dos Municípios Baianos** [recurso eletrônico]. v.4. n.2. Salvador: SEI, 2014.

SOARES, Beatriz Ribeiro.; MELO, Nágela Aparecida de. Cidades médias e pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais. In: LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel (Orgs). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Série Estudos e Pesquisas. v. 87. Salvador: SEI, 2010, p 93-105.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adensamento 16, 124, 132, 211, 213, 214, 215, 216, 226, 232

Amazonas 33, 34, 35, 36, 46, 47

Antigo mercado de Santo Amaro 15, 16, 17, 20, 21, 24, 25, 27, 28, 30

Arquitetura de interiores 48, 49

B

Biomimética 48, 49, 50, 51, 52, 53, 58, 59

C

Cidade 2, 3, 5, 8, 9, 10, 13, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 26, 29, 30, 31, 34, 35, 40, 46, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 172, 178, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 224, 230, 231, 232, 233

D

Desenho urbano 46, 85, 123, 124, 136, 137, 141, 218

Dignidade urbana 139, 141

Direito 28, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 75, 80, 151, 152, 161, 163, 164, 165, 166

Direito à cidade 64, 66, 67, 68, 80, 152, 161

E

Eixo histórico de Santo Amaro 18, 20, 21, 22, 23, 26, 30, 31

Escala do pedestre 123, 124, 136

Espaço aéreo 211, 212

Espaço público 71, 75, 79, 82, 83, 87, 92, 136, 143, 152, 165, 198, 199, 200, 216

Espaços de pesquisa 48

Experiência urbana 169, 186

G

Gestão colaborativa 82

I

Identidade urbana 123, 124, 131, 138

Intervenção urbana 169

J

Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro 70

M

Mapeamento comportamental 139, 144, 149

Metrópole 69, 127, 211, 212, 215, 216, 220

Mobilidade urbana 152, 153, 154, 158, 159, 162, 164, 165, 166, 167

Moradia 40, 46, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 143, 164, 192, 208

P

Parklet 191, 198, 201, 202, 203, 205

Patrimônio arquitetônico 8, 9, 15, 21

Patrimônio cultural 1, 2, 3, 4, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 21, 22, 30

Patrimônio imaterial 2, 10, 13

Patrimônio material 1, 2, 15

Percepção dos usuários 70, 72, 80

Placemaking 82, 83, 86, 87, 88, 91, 94, 95, 198, 199, 201, 203

Planejamento urbano 22, 80, 83, 111, 127, 153, 161, 164, 166, 169, 181, 182, 184, 198, 204, 209, 215

Políticas públicas 60, 61, 63, 64, 66, 67, 68, 125, 128, 153

Porto Murinho 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14

Praça Horácio Sabino 82, 89, 90, 91, 94, 95

Praça Victor Civita 82

R

Referenciais urbanos 123, 124, 127, 128, 130, 132, 136

Regularização 60, 61, 65, 66, 67, 68

Rotas caminháveis 123, 124, 125, 126, 127, 130, 132, 133, 135

Rupturas urbanas 139, 140, 141, 144

Ruralidades 97, 98, 99, 100, 103, 107, 108, 110, 111, 113, 116, 117, 121

S

São Paulo 1, 6, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 46, 47,

59, 68, 69, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 95, 96, 108, 117, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 130, 131, 132, 136, 137, 151, 166, 167, 183, 188, 196, 197, 209, 210, 211, 215, 219, 221, 233, 234

Sistema de espaços livres 70, 183

Sustentável 88, 124, 127, 137, 140, 152, 165, 207, 208

T

Transformação urbana 76, 124, 204, 211

U

Urbanismo 15, 29, 31, 37, 46, 47, 80, 89, 95, 96, 123, 124, 127, 137, 151, 152, 169, 170, 174, 181, 184, 185, 186, 190, 191, 195, 196, 199, 208, 209, 214, 235

Urbano 5, 8, 16, 19, 20, 21, 22, 26, 46, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 72, 75, 79, 80, 83, 84, 85, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 108, 109, 110, 111, 113, 116, 117, 118, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 130, 132, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 152, 153, 154, 156, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 174, 181, 182, 184, 185, 186, 191, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 204, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 218, 219, 221, 224, 228, 231, 233

V

Ventilação natural 33, 37, 38, 42, 43, 45, 47

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA E SOCIEDADE BRASILEIRA

Atena
Editora

Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA E SOCIEDADE BRASILEIRA

 **Atena**
Editora

Ano 2021